



EDGAR PEREIRA DA SILVA

**UMA VIDA, UM SONHO,
UMA REALIDADE**

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

UMA VIDA,
UM SONHO,
UMA REALIDADE

Edgar Pereira da Silva

UMA VIDA,
UM SONHO,
UMA REALIDADE

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Edgar Pereira da Silva

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: **Cassia Oliveira**

Revisão do texto: **Maciel Salles**

Diagramação: **Denes Miranda**

1ª edição – abril de 2021

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Edgar Pereira da, 1942–

Uma vida, um sonho, uma realidade / Edgar Pereira da
Silva. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.

424 p. : il., color.

ISBN 978-65-86751-84-0

1. Silva, Edgar Pereira da, 1942-- Biografia 2. Médicos –
Brasil – Biografia 3. Carmo do Rio Claro (MG) - História I. Título

21-1229

CDD 926.16

Índices para catálogo sistemático:

1. Biografia

Dedico este livro de memórias à irmã Conceição de Almeida, religiosa voltada para educação de crianças pobres, de alto espírito humanístico, totalmente desprendida dos bens materiais e que me motivou a escrever um pouco de minha história.

Dedico, ainda, ao querido amigo padre Carlos Saggio, para mim um exemplo de homem e de padre, que se envolve totalmente à causa de sua fé e a tudo em que acredita, e portador de uma força de vontade e coragem incomum.

Por fim, agradeço especialmente a Henrique Oliveira Silva e sua empresa Focus Tributos, que possibilitou a publicação deste livro.

Sumário

Prefácio	9
O início: Carmo do Rio Claro – MG	11
Curso secundário em Taubaté	43
Faculdade de Medicina em Porto Alegre	59
Acontecimento em São Paulo	85
Trabalho na Petroquímica União S/A	113
Sociedade Anônima dos Empregados da Petroquímica	133
Curiosidades na clínica médica	139
Ubatuba e o acidente de lancha	147
Acidente de lancha	153
Amaseno, Lácio, Itália	159
Retorno ao Carmo do Rio Claro	179
Personagens de minha vida	199
Carmo do Rio Claro – MG	201
Taubaté – SP	253
Porto Alegre – RS	273

São Paulo, capital	281
Embu-Guaçu, Grande São Paulo	295
Museu Carlota Pereira da Silva	309
Agradecimentos	415
Fotos dos médicos da Associação dos Doutorandos de 1969 da Faculdade Católica de Medicina, atualmente Faculdade de Ciências da Saúde de Porto Alegre. - AD 69	417

Prefácio

Tenho a satisfação de ser sobrinho-neto de Edgar Pereira da Silva, que contribuiu, junto com meus pais, para minha formação profissional. Fico muito honrado em prefaciar o seu livro, Uma vida, um sonho, uma realidade.

Nascemos em uma pequena cidade do sul de Minas Gerais chamada Carmo do Rio Claro, que tem as características de toda cidade pequena no tocante a educação e saúde e principalmente às dificuldades na formação da juventude por carências de todo tipo. Tive o privilégio de estudar e alcançar minha vida profissional de advogado em São Paulo com a ajuda do Edgar. Hoje tenho uma maravilhosa família, com a Daia e o Henriquito, que preenche minha vida de alegria e bem-estar. Ao ler o livro, percebi que os relatos nele contidos têm muito a ver com minha vida de origens interioranas.

A narrativa é leve e trata de todos os acontecimentos da infância, adolescência e vida profissional do Edgar até o entardecer de sua existência, encerrando com a sua volta para a cidade natal, Carmo do Rio Claro. Suas tristezas, alegrias e situações mais inesperadas trazem sempre um sorriso para quem com ele conviveu.

É o seu livro uma grande contribuição para a história carmelitana recente, um alento e um incentivo para que nossos conterrâneos corram atrás de um futuro melhor que satisfaça os interesses básicos de suas famílias.

Não se faz necessário muito comentário por aqui. Basta indicar a todos que com Edgar conviveram em Carmo do Rio Claro, Taubaté, Porto Alegre, São Paulo e Embú Guaçú que leiam o livro.

Boa leitura a todos.

Henrique Oliveira Silva
Carmo do Rio Claro, setembro de 2020.

O início: Carmo do Rio Claro – MG



O ano de 1942 foi um ano internacionalmente sem grandes quantidades de acontecimentos, porém foi palco para um dos fatos mais marcantes do século XX: o Brasil ficou de mal com a Alemanha. Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, declarou guerra à Alemanha após o afundamento dos navios Tamandaré, Itagiba e Ararás, todos nas costas brasileiras. Neste ano, deveria acontecer a quarta edição da Copa do Mundo de Futebol. Porém, o presidente da Fifa, Jules Rimet, cancelou o evento, tendo em vista a grande guerra. Eram candidatos o Brasil, a Argentina e a Alemanha para sediar o evento.

Outro fato relevante neste ano foi a entrada em vigor da nova unidade monetária brasileira, o cruzeiro. No Rio de Janeiro, nascia o Clube Botafogo de Futebol e Regatas, da fusão de dois outros, e morria o ex-presidente da República Epiácio Pessoa.

Na pequena Carmo do Rio Claro, no sul de Minas Gerais, a vida pacata de uma cidade bucólica e tranquila transcorria normalmente. Uma cidade urbanizada com três belas praças, chamadas pelo povão de praça de baixo, a praça do meio e a praça de cima. Na praça de cima habitavam os fazendeiros mais ricos, denominados “trumbucas”. Havia na cidade 3 carros Fords “bigodes” e um mais aristocrático. Carros de bois passavam por meia dúzia de ruas, todas com terra batida, fazendo muito barulho. O principal caminho para estes veículos era a rua morta, por ser quase um caminho, com muito poucas casas. Por incrível que pareça, estavam na cidade três médicos e três farmácias. A cidade tinha quase uma vida própria em termos de comércio e produção agrícola. A produção principal era o

leite, e diziam que por aqui havia a melhor bacia leiteira de Minas Gerais. Já havia funcionado, na zona rural, uma fábrica de laticínios, com produção de manteiga e um único tipo de queijo, o prato, por volta de 1895. Na cidade tinha a Lac Pan que também produzia os mesmos insumos na década de 50.

Na área rural, existiam belíssimas fazendas que traziam ao município muita fama, por produzirem animais bovinos e equinos de alto nível. Um clube, o Grêmio Esportivo Carmelitano, fazia a alegria da mocidade naquela época com bailes, brincadeiras dançantes e esportes, como futebol e vôlei. Em um pequeno planalto nos arredores da cidade estava um campo de aviação, onde pousavam monomotores e bimotores, para transportes de emergências, porquanto as estradas, que eram chamadas de linhas, eram de terra batida com muitos buracos e perigos. Quando chovia, ficavam na maioria das vezes intransitáveis e, no verão, a poeira era tanta que se via de longe a nuvem branca. Para as viagens, eram muito usados os guarda-pós e, durante o período das chuvas, era frequentemente necessário o uso de correntes nos pneus, para que estes não atolassem ou não deslizassem.

Entre os maiores bairros rurais, estavam o Barro Preto, o mais populoso; o Itací; as três Barras; o Mandembo; os Leandros; a Furna; os Balbinos; o Itapiché, entre outros. A Coletoria Estadual recolhia os impostos pertinentes na época. A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo era muito bonita, com duas grandes torres e sinos de bela sonoridade. O seu relógio central, além de marcar horas, contava muitas histórias. Na periferia da cidade estavam as igrejas do Rosário, no bairro de mesmo nome; a Igreja de Nosso Senhor dos Passos, aos pés de uma grande serra; e a de Santo Antônio. Esta grande serra sempre foi chamada de Serra da Tormenta. No seu topo está uma igrejinha dedicada à Nossa Senhora Aparecida.

Existiam um grupo escolar, um ginásio municipal e um colégio de freiras, que era referência regional e nacional. O cinema passava os filmes da época e era muito concorrido. No comércio, existiam as vendas e quatro lojas. A maioria dos produtos eram do próprio município. Carnes de porco e de galinhas predominavam. Produtos que vinham de fora do município eram os tecidos, o sal e principalmente o querosene. Aqui estavam sapatei-

ros que consertavam e produziam artesanalmente sapatos, chinelas e botas. Também os alfaiates eram concorridos e produziam grande quantidade de ternos. As costureiras produziam vestidos, camisas, calças, cuecas e ceroulas. Dois destemidos ferreiros atendiam a grande demanda de ferraduras para os cavalos e outros utensílios. Os celeiros eram verdadeiros artistas, havia os mais tradicionais e os amadores. Eram produzidos na cidade alguns instrumentos musicais, como o violão, a viola e o cavaquinho. Não existia uma funerária e os caixões de defuntos eram produzidos artesanalmente por alguns cidadãos.

Os médicos nesta época faziam os atendimentos de emergência nas próprias farmácias, pois um esboço de hospital era ainda precário. Já estava presente a Conferência Vicentina, que dava abrigo aos velhos e incapacitados sem recursos. A assistência jurídica era já avançada, com um belíssimo fórum que dava à cidade o título de comarca. Havia o juiz e um promotor, e a importância da cidade neste aspecto era digna de nota na região. Um único hotel era presente e um posto de combustível abastecia os poucos carros existentes.

Assim, era uma vida pacata em uma cidade bucólica de acordo com o ano de 1942, ano a que estamos nos referindo. Em 18 de setembro de 1942, Carlota Pereira da Silva começava a sentir as dores do parto ao cair da noite. Em sua residência, sob os cuidados de Dona Lica, exímia parteira de família, renomada na cidade, esta se pôs a trabalhar, fervendo toalhas e utensílios utilizados por qualquer parteira. Carlota era já multípara, pois já tinha oito filhos e ainda teria mais quatro. O parto transcorreu normalmente e nasceu um menino que recebeu o nome de Edgar. Este teve uma infância tranquila, em uma grande família, com as dificuldades pertinentes à época. Nada era descartável, o que obrigava a dona de casa a ter muito trabalho. Sempre havia uma empregada doméstica para ajudar nos trabalhos diários, porém a lavanderia funcionava diariamente. Fraldas, vestidos, calças, camisas, anáguas e outras vestimentas exigiam muita água e trabalho. Os sabões eram em pedras e, às vezes, fabricados na própria residência. Os fogões eram a lenha, em um tipo característico, e onde se colocava a lenha para a queima e aquecimento existia, nas laterais, uma serpentina de

canos metálicos que aqueciam a água para o uso doméstico e, ao fundo, um pequeno forno que servia para assar muitas quitandas. Mais ao fundo da residência havia um grande quintal, com canteiros para muitas hortaliças, como alfaces, repolhos, cenouras, couves diversas, tomates, salsas cebolas e outras necessárias ao consumo diário na cozinha. Isto era uma necessidade, pois no comércio não existiam estes produtos, e apenas alguns vendedores de rua passavam gritando quando tinham alguma coisa para vender. Existiam várias vendas, porém apenas com produtos não perecíveis, e as joias destes estabelecimentos eram a cachaça, o toucinho e o querosene.

Em três grandes lojas vendiam-se, em determinados dias da semana, carne de porco, toucinho e galinhas, que eram abatidas em grandes fazendas. Também eram comercializados ovos e bacalhau ou charques, que, pela quantidade de sal adicionada, se mantinham conservados por muito tempo. Também existiam uma casa auxiliar nestes fundos da residência, a qual servia de depósito para utilidades, e um grande forno que funcionava em determinadas épocas para se fazerem as quitandas (bolos, biscoitos, sequilhos, pães, roscas, brevidades, broas, pau a piques) e outros tipos de alimentos que eram armazenados para o consumo da casa. Ainda no mesmo local, estava um fogão rústico de grandes pedras, e sobre ele ficava um grande tacho de cobre, que na época oportuna servia para a feitura de goiabadas, marmeladas e outros doces de longa duração. Servia, ainda, este grande tacho para cozimento e frituras de carnes de porco na época de abate de um animal comprado de algum roceiro. Um grande caixote de madeira, com mais de um metro de altura, ficava também nesta área para armazenamento de arroz em casca, adquirido de pequenos produtores rurais, que o vendiam em grandes quantidades. Periodicamente, um dos filhos levava, em um carinho de mão, um saco deste produto até uma máquina de beneficiamento, que extraía sua casca para o consumo diário.

Existiam na cidade dois locais de beneficiamento de arroz. Dona Carlota era casada com o Sr. Jayme Silva, farmacêutico prático, originário de Careaçú, antiga Volta Grande do Sapucaý, nascido no ano de 1905. De família grande com doze irmãos, era filho de Jesuíno Demarés da Silva e de Rita Eugênia da Silva. Na adolescência, trabalhou como ajudante de farmá-

cia em Natércia e Varginha, sendo que nesta última cidade conheceu o Dr. Gabriel Gonçalves, de tradicional família carmelitana, que o convidou para trabalhar em sua farmácia. Aceitou e, aos dezenove anos, chegou a Carmo do Rio Claro, tendo, à primeira vista, se sentido mal com a solidão e vazio que sentiu em relação a esta cidade. Começou a trabalhar e se adaptou de tal maneira que uma de suas grandes alegrias foi receber o título de cidadão honorário deste município. Casou-se em 1926, tendo em seguida que ir para Pouso Alegre para servir no exército em época de grandes tumultos políticos no país. Dois anos após deixar o serviço militar, recebeu um certificado de menção honrosa pelos serviços prestados à pátria. De volta ao Carmo, trabalhou por um tempo na loja de seu sogro, Tito Carlos Pereira, e depois retornou para sua atividade anterior na farmácia do Dr. Gabriel.

Quando veio a legislação que proibia médicos de possuírem este ramo de negócio, adquiriu este estabelecimento farmacêutico, transferindo-o para a sua residência na extinta Praça Dr. Madureira. Estava aí estabelecida a Farmácia Santa Cecília, que existiu até 1959. Com a chegada das águas da represa de Furnas, acompanhando o êxodo provocado pela apatia comercial que se abateu sobre a cidade, mudou-se para Taubaté, adquirindo aí a Farmácia Central Castro Nápoles, uma das mais antigas do Brasil. Mudou-se posteriormente para Juiz de Fora, para acompanhar seu filho Tito Pereira da Silva, que sofria de problemas mentais e estudava Medicina naquela cidade.

Tendo em vista o filho não conseguir concluir o curso de Medicina, voltou para Carmo do Rio Claro, onde permaneceu até sua morte em abril de 2003, aos 97 anos. Estava aposentado e amava a cidade que o acolheu. Sua esposa, Carlota Pereira da Silva, nasceu em 18 de agosto de 1908 na cidade de Carmo do Rio Claro, sendo filha do Capitão Tito Carlos Pereira e de Prudenciana Maria da Conceição. Tiveram 13 filhos, quase todos com curso superior. Acompanhou seu marido por toda a vida, nas alegrias e nas tristezas, e mesmo conhecendo artes plásticas e música, dedicou-se às prendas domésticas, tornando-se exímia doceira, que a todos encantou com seus dotes artísticos. Em 1960, recebeu um prêmio dos fabricantes do Açúcar União por ter sido selecionada uma de suas receitas de um doce folhado,

o qual chamava de “Frank”. Veio a falecer na sua cidade natal em 8 de dezembro de 1993. Como homenagem, teve seu nome ligado à instituição museológica multidisciplinar existente na cidade de Carmo do Rio Claro, em Minas Gerais.

Após este breve relato do casal que representa a minha origem, retorno à narrativa que se segue. A Farmácia Santa Cecília ficava na própria residência, o que facilitava muito a vida do casal. O farmacêutico nesta época era também um pouco médico, curandeiro, conselheiro de saúde e social. Outro aspecto interessante da farmácia era que, em seu pequeno laboratório, muitas vezes tinha que funcionar um pronto-socorro. Por diversas vezes meu pai recebeu pacientes com fraturas de vários graus de gravidade e, chamando um médico, este procedia ao tratamento neste mesmo local. Eram feitos os procedimentos de tração, às vezes com uso de espátulas do próprio laboratório, para colocar a fratura exposta em posição correta. A desinfecção era feita com álcool, tintura de iodo ou mercuriocromo, conforme a disponibilidade. Nas farmácias, eram vendidas ataduras gessadas, agulhas para suturas, pinças e outros instrumentos, o que facilitava muito o trabalho médico.

Na década de 50 já existia a penicilina, em sua forma benzatina, com efeito mais duradouro, e a procaína, de efeito mais imediato, porém permanecendo por menos tempo na corrente sanguínea. Cabe aqui lembrar que apareceu também a estreptomicina, um poderoso antibiótico que possuía efeitos colaterais desconhecidos. Um de meus amigos foi tratado por infecção óssea com a estreptomicina durante longo período. A infecção foi debelada, porém um de seus efeitos colaterais se manifestou: teve um efeito tóxico sobre o nervo auditivo, levando a uma surdez definitiva e irreversível. Foi um acontecimento terrível para um jovem com apenas 15 anos de idade.

Alguns produtos desta época dos anos 50 que eram vendidos na Farmácia Santa Cecília, me lembro das Pílulas do Dr. Ross para revigorar o organismo, Pílulas de Lussen para dores renais, as Pílulas de Erva de Bicho para hemorroidas, as Pílulas Valerianas para os males do fígado e várias outras. Já existia o Biotônico Fontoura, o Tutangir, o Tônico Catarinense e

o Vinho Reconstituente Silva Araújo, que agradavam muito aos adultos por terem uma boa dose de álcool e trazerem aumento de apetite, e assim eram chamados de fortificantes. Vários fregueses, proibidos de ingerirem bebidas alcoólicas, vinham até a farmácia tomar um trago de Biotônico Fontoura e saíam muito felizes. Outro personagem, também proibido de tomar qualquer bebida alcoólica, encomendava dúzias de Vinho Reconstituente Silva Araújo. O pessoal da roça vinha aos domingos para a cidade trazendo dúzias de ovos, todos muito bem empalhados para não se quebrarem e, após a venda destes produtos, apareciam na farmácia para comprar o Biotônico Fontoura. Lembro-me de meu pai comentar o quanto seria melhor comerem aqueles ovos, excelente alimento, e deixarem de lado o fortificante. Elas tinham o fortificante natural e excelente nas mãos, porém não sabiam. Acreditavam piamente no almanaque do Jeca Tatú, que fazia a grande promoção do Biotônico Fontoura.

Outro fato muito interessante que ocorria em relação à Farmácia Santa Cecília eram as consultas através de bilhetinhos. Eram muito interessantes e continham palavras escritas como eram faladas na zona rural. Diziam: “Senhor Jambo (Jayme) — ou senhor Dotor, ou senhor Farmaceti — nois percisa de um remédio para os bofé (órgãos abdominais), que dói muito”; “Eu tenho uma dor nas cacunda (costas), qui respondi nas parti de baixo”; “Eu to cuma bola que sobe e desce de riba pra baixo e num sai”; “Nos arto da testa tem uma dor que num resolve”; “Depois de dá um chego naqueles arto (alto), minhas pernas tão doendo”... E a coleção era muito grande, tendo o meu pai que destrinchar a situação e enviar um medicamento para cada problema.

Havia uma região onde o bócio era endêmico e a maioria das mulheres tinha grandes papos, que assustava a criançada. A falta de iodo na água ingerida era responsável por esta endemia. Porém, com a simples adição de iodo ao sal de cozinha, este problema desapareceu completamente. Havia uma região rural onde ficavam os leprosos, que sempre andavam em bandos, pois o preconceito e o medo da doença assustavam a todos. Hoje, com os modernos recursos terapêuticos a doença foi desmistificada e tratada normalmente sem impedir o doente do convívio social. O Nujol, o Tamarindo

e o Purgoleite eram ótimos laxantes. E deve ser destacada a manipulação no pequeno laboratório, os xaropes de ácido láctico para tosses, cápsulas com cafeína, piramido e ácido acetil salicílico para febres e gripes.

Os papeizinhos, assim chamados com a mistura de vários sais, eram manipulados em um almofariz, que após muita mistura e trituração era dividida em quantidades iguais e colocados em pequenos pedaços de papéis amanteigados e delicadamente embrulhados. Depois de todos feitos eram colocados em caixinhas semelhantes às de fosforo, ou às vezes redondas, para entrega aos usuários. Outra peculiaridade era a confecção de pílulas em um dispositivo chamado piluliteiro. Faziam-se as misturas de várias ervas, conforme a receita médica (como ruibarvo, raízes e erva de bicho), com farinhas especiais. Após a mistura e apuração da textura no almofariz, era levada ao piluliteiro para uma divisão equitativa, enroladas manualmente até ficar redondas e acondicionadas sob algodão nas pequenas caixas apropriadas e que existiam em vários tamanhos.

Havia os opiáceos, como a morfina, a codeína, a cafeína e a cocaína, que faziam parte da manipulação naquela época. O Elixir Paregórico era muito usado para dores abdominais em crianças e adultos e continha pequena quantidade de morfina, o que dava muito bem-estar para os pacientes. Nesta época, era muito interessante o acondicionamento dos produtos comprados nos diversos estabelecimentos comerciais, inclusive nas farmácias. Somente existiam dois tipos de papel. Um rosado meio áspero que vinha em rolos de 3 ou 4 tamanhos de largura. Eram colocados em um pedestal para serem cortados de acordo com a necessidade e tamanho do produto a ser embrulhado. O critério era rigoroso, tendo em vista o custo do papel. Neste pedestal, os rolos ficavam em um eixo central para girarem e havia uma barra de ferro que facilitava os diversos cortes. Neste papel rudimentar de cor geralmente rosa ou ocre, notávamos até pequeninos fragmentos de madeira utilizados na sua fabricação. Esta lâmina de ferro possibilitava o corte do papel com facilidade e, assim cortado, faziam-se os embrulhos.

Conta-se que um velho senhor muito meticoloso estava em um balcão a vender doces. Um freguês comprou 7 pés de moleques. O velho cortou

o papel, olhou, mediu, tornou a medir e tentar fazer o embrulho. Não conseguiu, faltou papel. Pois ele havia cortado a menos. Coçou a cabeça, pensou e concluiu que não cortaria outro pedaço para evitar desperdício. Disse ao freguês: “Por favor, você não quer comer um aqui mesmo? Está muito gostoso”. O freguês atendeu à solicitação e retirou um para saborear. Assim o papel deu para fazer o pequeno embrulho, deixando o vendedor muito satisfeito. E dessa maneira este episódio passou para o anedotário local, provocando muito riso. Os açougues compravam jornais velhos e estes eram usados para embrulhar as peças de carnes para a freguesia.

Naquela época, havia o costume de lavar a carne antes de se fazer o cozimento. Só não sei como se fazia com a carne moída. Na Farmácia Santa Cecília, havia um ritual para a embalagem dos produtos manipulados. Para os xaropes, logo após a colocação em vidros estes eram tapados com rolhas. Tomava-se um pedaço de papel amanteigado e o envolvia sobre esta rolha, dando um aspecto serrilhado e um ótimo acabamento. Depois disto, fazia-se uma amarração com linha grossa no gargalo do vidro, proporcionando um bom visual. Este acabamento era delicadíssimo e deixava a embalagem muito elegante. Para os manipulados em pó, havia cápsulas de farinha de trigo. Tudo era feito meticulosamente nas medidas solicitadas pelos médicos. Após a mistura e trituração no almofariz, o material obtido era colocado em uma lâmina de vidro e dividido em partes iguais conforme a solicitação, e com um compactador manual as partes eram delicadamente colocadas nas cápsulas com um aperto da haste do compactador. Tudo era muito bem acondicionado nas pequenas caixas apropriadas.

Muito interessante notar que era um trabalho intenso e criterioso, pois havia as vendas de balcão, a manipulação, o acondicionamento e a feitura dos rótulos, demandando tudo isto tempo, e não víamos reclamações, mas muitos pedidos de ajuda para os filhos e, às vezes, até para minha mãe. Muitas vezes, meu pai, Jayme Silva, era chamado por fazendeiros que mandavam cavalos para deslocá-lo até a fazenda para atender alguém da família ou empregado, impossibilitados de deslocarem-se até a cidade. Ele sempre ganhava e voltava com muitos presentes, como galinhas, leitões, ovos empalhados para transporte, frutas e legumes. Os meus irmãos eram

a Cecília (professora), a Cynira (assistente social), o Humberto (farmacêutico), o Carlos (que também futuramente seria farmacêutico), o Xavier (que seria advogado), a Noeli (professora), a Annete (estudante) e a Denise (também estudante). Os outros irmãos, posteriormente, como eu (médico), o Ciro (advogado), a Miriam e a Ester (professoras) e o Tito (que estudava Medicina até o seu falecimento provocado por ele mesmo).

Em frente à nossa casa existia uma belíssima praça chamada Dr. Madureira, nome dado em homenagem a um ilustre advogado que trabalhou em nossa cidade. Esta praça teve um destino cruel. Era cheia de ciprestes, flamboyants, trepadeiras pergoladas e arbustos muito bem podados em figuras geométricas. Nesta praça, crianças brincavam diariamente, e era local de muita alegria. Foi demolida e loteada pela ignorância e falta de visão de futuro. Neste local, muito antes havia o cemitério da cidade, que foi transferido posteriormente para local mais adequado. Nesta época, não existiam piscinas na cidade, e a molecada tinha que aprender a nadar nos córregos ou no rio Sapucaí. Eu só aprendi natação depois dos 40 anos de idade. Os pais nos vigiavam muito, pois temiam a natação nestes lugares por haver perigos de afogamentos e muito preconceito em relação a prováveis doenças.

Ao completar sete anos, Edgar foi matriculado na única instituição de ensino primário existente na cidade, às expensas da prefeitura municipal, o Grupo Escolar Coronel Manoel Pinto. Uma instituição de prestígio e muito conceituada, com profissionais da mais alta estirpe social da cidade. Diretoras como Alda Silva, Lourdes Palacine; as professoras Lourdes Freire, Jaci de Castro Jacob, Maisa Vilela, Eleonora Vilela, Maria Vilela, Deolinda Figueiredo e muitas outras, sendo estas referências relacionadas com o período em que participei desta escola primária.

Acontecimentos relevantes neste período, foram aprendizado rápido e complementação de educação rigorosa. Participamos e presenciamos castigos simples como ficar uma hora no fundo da sala, após a aula. Agressões eram muito raras, mas às vezes vimos alguns tapas ou coques na cabeça de algum aluno. Participamos de vários eventos como representações teatrais, de mártires de nossa independência e aprendemos a cantar o Hino Nacional.

Os lanches tínhamos que levar, porém a escola fornecia no intervalo das aulas um prato de sopa de fubá de milho, a qual achávamos muito saborosa. Nos dias festivos ou com comemorações, era servida uma bela salada de frutas. Havia um único inspetor de alunos, o Sr. Humberto Maimone, e uma pessoa muito especial que era uma mistura de amiga, orientadora e cozinheira, a Sra. Alma de Castro.

Algumas ocorrências curiosas neste período: meu irmão Ciro foi questionado por que eu havia faltado na aula naquele dia. E a resposta veio em seguida motivando muito riso, da professora: “Ele perdeu um sapato e não podia vir com um pé só”. De outra feita, ao retornar da aula, eu fiquei com muita vontade de ir ao banheiro, entretanto, motivado por vergonha infantil, segurei, e tentei voltar para casa com toda aquela dor de barriga apertando cada vez mais. Porém, a desgraça não demorou. Ao chegar próximo de casa, não deu para segurar mais, e apenas parei encostando em um muro e deixando que tudo aquilo preso descesse pelas pernas abaixo. Foi terrível, o mau cheiro, o desconforto e a vergonha. Entrei em casa pelos fundos, gritei pela minha mãe e fui para o grande tanque que armazenava água. Minha mãe, com toda paciência, e apenas resmungando um pouco, me limpava e lavava, tirando toda a minha roupa. Se não bastasse esta situação constrangedora, vi na janela de um dos quartos dos fundos da casa os meus irmãos, Humberto e Carlos, rindo e gritando: “Aí, cagão! Aí, cagão! Não vai mais poder sair na rua!”, e riam muito.

Chorei tanto e afirmei pra minha mãe que havia pisado em um monte de cocô e ele subiu pelas minhas pernas. Com esta mentira, as risadas aumentaram e, em vez de amenizar, piorou mais ainda a horrorosa situação. Este show de horror nunca foi esquecido por ninguém em minha casa e eu acabei por rir muito também desta situação.

De outra feita, na aula de trabalhos manuais, com Dona Maria Vilela, quando aprendíamos a encadernar livros, fazer barrigueiras de cavalos, cintos de barbantes trançados, pequenos trabalhos em madeira como molduras, trabalhos em palha de milho e sabugos, como cestos, sacolas e outros, a pobre professora, ao derreter breu para passar na borda do livro depois de costurar folha por folha, nesse manuseio deixou cair esse material derretido

sobre seu braço direito. A dor foi intensa e o grito assustou a todos nós. Depois de muito corre-corre e água fria ela se acalmou, mas a aula nesse dia não pôde mais continuar.

No dia 25 de agosto de 1954, quando cursava eu o quarto ano primário e assistíamos à aula tranquilamente, sentados dois em cada carteira, vimos a diretora, Dona Lourdes Palacini, entrar na sala de aula abruptamente. Disse em tom solene: “Ontem à noite, o nosso Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Dr. Getúlio Dornelles Vargas, suicidou-se com um tiro no peito”. Todos ficamos em silêncio. Em seguida, continuou: “Vão todos para suas casas, porque teremos três dias de feriado”. Em som uníssono surgiu um grito de alegria: “Viva!”. Ouvimos da mesma diretora: “Silêncio, vocês têm que ter respeito, pois trata-se da morte de nosso presidente da República!”. Saímos todos muito quietos, porém, quando na rua, a algazarra começou e os gritos de alegria continuaram, pois três dias sem aula nos davam motivo para nos alegrar, e de mais a mais o presidente Vargas já vinha se desgastando politicamente, e ouvíamos por toda parte os comentários da insatisfação dos militares com ele. Quando tanques de guerra cercaram o palácio do Catete pedindo sua renúncia por suspeita de participação como mandante do assassinato de um militar por engano, porque o alvo era o jornalista Carlos Lacerda, o então presidente não suportou mais a pressão. Deixou uma carta-testamento e se foi deixando uma famosa frase: “Saio da vida para entrar na história”.

Outra vez, recebi um castigo nesta escola, nem me lembrando mais o motivo. Eu deveria ficar uma hora após a aula dentro da sala. Minha aula era das 7 às 11h da manhã, mas a professora se esqueceu de mim e esta uma hora se estendeu. Quando a faxineira chegou às 17h, eu ainda estava lá quietinho na sala. Esta me disse: “Menino, o que está fazendo aqui? Vá embora para sua casa, a sua mãe já deve estar preocupada”. Mas eu não queria ir. “Estou aguardando a professora me liberar”, disse. Foi muito difícil para a faxineira me convencer a ir embora. A professora havia esquecido de mim e do castigo e nunca tocou no assunto, se esquecendo de vez do episódio.

Vários alunos tinham vergonha de pedir para ir ao banheiro, e era tabu falar em necessidades fisiológicas e sexo. Porém não fez falta, nós

aprenderíamos de qualquer maneira, e o importante nos foi passado: o comportamento social, a educação e o estudo. Ao sairmos da aula, vinham muitos meninos juntos, uns mais amigos, outros mais belicosos e outros que gostavam somente da algazarra, sempre acontecia alguma coisa no retorno para casa. Onde hoje está um bar, era um sobrado em que morava um proeminente médico, o Dr. Júlio Aguiar. Este colocou junto à porta um interessante dispositivo como campainha. Era uma parte de um velho telefone, do qual aproveitara a pequena manivela de chamada. Ao ser girada esta manivela, ouvia-se um ruído na cozinha da casa. Grande parte dos garotos que saíam das aulas, ao passar em frente, rodavam a manivela e corriam, e, assim, muitos queriam repetir a façanha. Porém, não sabemos se alguém atendia, pois corríamos e nunca ficamos para ver o que ocorria.

Outra vez, saindo da aula, vi dois coleguinhas discutindo muito e querendo brigar, mas esta briga não saía. Eu e outros vínhamos mais atrás estimulando a briga que não saía. Dizíamos: “Vai, bate, quem puder mais cospe no pé do outro”; “você não pode com ele”, e assim íamos perturbando os dois. De repente, eles deixaram a briga de lado e vieram para cima de mim, e levei a maior surra dos dois. Aprendi para sempre: em briga dos outros não se mete; se não puder separar, desapareça. Foi uma boa lição das ruas.

O tempo passou muito rápido e chegamos ao final do curso primário. O Colégio Municipal Cônego Leopoldo era já em 1955 uma instituição de ensino secundário, conceituada, com professores da cidade, tendo entre eles advogados, médicos e religiosos que vieram da Itália e França através de uma instituição chamada Congregação de São Gabriel. Na Europa sofrida do pós-guerra, as sociedades passavam por grandes dificuldades. Particularmente na Itália, onde o país vencido pelos Aliados estava devastado e o seu povo passava por grandes necessidades. Até 1947 as forças americanas instalaram bases em várias cidades italianas, estando por lá grande quantidade de soldados, que com seus dólares movimentavam a economia. No ano seguinte, estes soldados foram levados de volta para a América, deixando uma lacuna econômica muito grande. Os produtos básicos como sal, açúcar, farinha, leite e outros começaram a faltar, e o

desespero era grande. Alguns professores italianos procuraram uma saída através desta congregação, vestindo batinas e recebendo a denominação de irmãos de São Gabriel. Receberam passagens e rumaram para o Brasil, chegando ao Carmo do Rio Claro em Minas Gerais a partir desta época, fugindo assim da “Manaja 48” (maldito seja o ano de 1948).

Chegando aqui por volta de 1949, fundaram a Associação de São Gabriel da cidade, sendo recebidos com muita euforia pela população e intelectuais. Instalaram-se no Colégio Cônego Leopoldo, onde já havia salas de aulas, dormitórios e restaurante. Havia área para a prática de esportes, e poderiam usar o campo de futebol do Grêmio Esportivo Carmelitano, que ficava nos fundos. Estabeleceu-se aí o curso de admissão ao ginásio e o curso secundário completo. O curso de admissão foi muito tranquilo em 1955, seguindo-se a primeira e a segunda série ginásial. Sempre ficávamos em filas, na área aberta do prédio. Cada irmão em frente a uma turma. Algumas vezes aconteciam acidentes, como um aluno fazendo confusão ou tagarelado. Era frequente um irmão professor chamar a atenção de alunos e, por vezes, a desobediência levava a agressões. Esses professores eram todos jovens, haviam passado por situações difíceis nas suas origens, e estando em terra estranha, nem sempre sabiam compreender o comportamento dos jovens da localidade. Muitos diziam que nos tratavam como índios, pois tínhamos dificuldade de entender a língua falada por eles, as suas músicas na maioria das vezes eruditas e, ainda, o seu comportamento altivo.

Não me esqueço de uma pendenga que terminou em briga de rolar pelo chão entre um aluno e um irmão de São Gabriel. Em julho de 1957, o colégio foi transferido para o novo prédio construído por equipes de trabalho voluntário. O novo prédio recebeu o nome de Colégio Montfort, nome dado pelos irmãos de São Gabriel. Este prédio do colégio foi construído em um terreno de seis hectares doado pelos senhores fazendeiros José de Oliveira Leite, Sr. José Cipriano Freire e Otto Ferraz Leite e suas respectivas esposas. Na escritura de doação constava uma condição de que somente 20 anos após a inauguração do referido colégio este ou partes deste terreno poderiam ser vendidos. Infelizmente, esta condição não foi

cumprida, e antes deste prazo terminar começaram as vendas de partes deste grande terreno. Atualmente, encontra-se totalmente loteado e o colégio doado para o governo do Estado. O pároco da época que ocupava a direção do colégio promoveu a doação, dizendo que na cidade não havia mais espaço para colégios particulares. Por ironia, hoje existem dois excelentes colégios particulares, o Vencer e o Instituto de Educação e Cultura. Eu cursava o segundo ano ginásial e fui transferido no segundo semestre deste ano de 1957 para as novas instalações, que eram muito melhores e confortáveis que o anterior.

O mais curioso ainda foi o fato de que, aos poucos, os irmãos de São Gabriel foram deixando suas batinas e o magistério. Posteriormente deixaram nossa cidade, alguns se casaram, dois se tornaram padres, que retornaram às suas origens quando estavam com idade avançada. Tudo foi vendido, inclusive as instalações antigas e levado tudo o que se apurou para outros destinos. Foi um final melancólico para um sonho que se realizou com muito sacrifício e trabalho. Nesta fase da vida, iniciam-se as descobertas das ocorrências vivenciais. Descobre-se o nosso corpo, descobrem-se os amigos, descobre-se que nossa casa e nossos familiares não são tudo o que existe perante nossa existência. Surgem conflitos internos e as bulinagens são sentidas com muita intensidade.

Começamos a participar de bailes no Grêmio Esportivo Carmelitano, o clube da cidade, e aprendia-se a dançar. Primos e amigos se reuniam para troca de aprendizado sobre as mais diversas danças, como valsa, bolero, rumba, samba e outras. A descoberta do sexo era feita às escondidas, este assunto era tabu, em casa, na escola e muito recriminado entre os professores, os irmãos de São Gabriel. Lembro-me de um grupo de meninos no início da adolescência se reunirem nas margens dos córregos para se masturbarem e competirem sobre os tamanhos de seus órgãos genitais e, quando ocorriam os orgasmos, o espanto era geral, e muita surpresa. Pensava-se em doenças, alguns diziam que aquilo era venenoso, outros diziam que se caísse em uma fêmea de animal nasceria um lobisomem, se caísse sobre uma rã seus filhotes falariam. Os padres diziam que esta prática faria nascer cabelos nas mãos, e assim por diante...

Às vezes, uns por atração ou por curiosidade, se tocavam, trocavam carícias, mas sem definições sobre comportamento sexual. A masturbação era tida como o vício solitário e preconizada pelos nossos professores como um grande pecado, levando à origem de muitos problemas psicológicos. Também se iniciavam os flertes e alguns namoros. Havia muita vergonha, mas a curiosidade falava mais forte, surgindo, às vezes, verdadeiras paixões que terminaram em uniões que duraram por toda a vida. Como a cidade fica em uma região rural com várias fazendas, muitos destes garotos aprendiam a praticar o sexo com animais, sendo as mais preferidas as pequenas mulas, as éguas e as cabras.

A diversão preferida e existente na época era o cinema, que passava filmes em preto e branco, mas quando surgiram os coloridos e o cinemascope, foi um acontecimento inédito muito comentado. *E o vento levou...*, *Álamo*, *Pirataria* e *Cowboys* eram os mais frequentes, com artistas preferidos, como John Wayne, Robert Taylor, Gary Grant, Elizabeth Taylor, Greta Garbo, Ginger Rogers, Ava Gardner, Jeff Chandler, Gary Cooper e vários outros. A fiscalização em relação a filmes proibidos para menores de 18 anos era rigorosa, porém sempre tinha aqueles que passavam atrás da cortina e os que falsificavam a idade na carteira escolar. Em frente à antiga e linda Igreja Matriz, havia dois coretos. Um para a banda de música, à esquerda, e um à direita para leilões de brindes doados pela comunidade. Estas festas eram em benefício da paróquia, às vezes do asilo, do colégio, do hospital e outros. Entre os brindes doados predominavam os assados, frangos, perus, lombos de porco, pernil, leitões e empadinhas.

Também havia muitos doces, de frutas, rocamboles e cristalizados. Reuníamos às vezes dois ou três amigos, arrematávamos um assado e íamos até um banco da praça para degustá-los sempre acompanhado por um guaraná, pois Coca-Cola ainda não havia aparecido por aqui. Bailinhos e brincadeiras eram frequentes no Grêmio Esportivo Carmelitano e nas casas de amigos ou da minha avó. Sempre havia alguém que tocava acordeom ou piano, pois músicas eletrônicas eram raras. Eu mesmo aprendi a tocar um pouco de piano com minha tia Maria Tito, que era ótima pianista. Ela havia aprendido com as irmãs francesas, da Congregação dos Sagrados

Corações, que trouxeram muita cultura para a cidade. Ela, com muita paciência me ensinava aos poucos as músicas de Ernesto Nazareth, Zequinha de Abreu, Chiquinha Gonzaga, tangos e boleros diversos.

Minha irmã Noeli ganhou um acordeom Scandalli, de oitenta baixos, era lindo, todo preto, e tocava muito bem, fazendo a alegria de muita gente, inclusive meus familiares. Minha avó Prudenciana gostava tanto que um dia me pediu para experimentar. Viúva e velhinha com seus oitenta e cinco anos, foi difícil acomodar o instrumento no seu colo. Apertou alguns botões e, rindo, afirmou: “Não tem jeito não, isto é só pra vocês”. Em seguida, me pediu: “Não conte para ninguém que eu quis experimentar”. Minha irmã Noeli não deixava ninguém pôr as mãos em seu acordeom, era possessiva, porém, quando saía, eu pedia a algum de meus irmãos para ficar olhando se ela voltava e, com o método de Mário Mascarenhas nas pernas, procurava dedilhar as teclas e baixos. Acho que o pouco que aprendi foi de susto, vontade e por ser às escondidas.

As brigas entre irmãos eram frequentes. Quando chovia, os irmãos tinham que ficar dentro de casa, e o meu pai costumava dizer: “Pegou fogo no navio”. Tinha um chicotinho de couro pendurado na copa, e este era temido por todos. Também existiam as brigas nas ruas, principalmente na Praça Dr. Madureira, onde brincávamos. Um de meus amigos, muito magrelo, perturbou uma garota maior que ele e levou uma surra terrível. Não conformado, ele disse: “Você me bateu porque é grandona e maior do que eu, mas sua irmã mais nova é menor e eu dou uma coça nela”. A farra foi grande, a outra garota menor foi pra cima dele e deu-lhe outra surra e, para completar, empurrou-o sobre o canteiro de coroa-de-cristo, que é uma planta cheia de espinhos. O pobre coitado saiu gritando e chorando, correndo para sua casa.

Costumávamos brincar de esconde-esconde e usávamos as árvores como esconderijos. Ora sobre os ciprestes muito bem podados, ora subindo nos flamboyants para nos esconder. Porém, havia na cidade dois soldados subordinados a um delegado nomeado pelo prefeito. O prédio do fórum abrigava, no pavimento superior, o juiz de direito e, em sua parte inferior, duas celas e a delegacia, sendo contíguo à praça em que brincávamos. Então,

era frequente a presença destes guardas na vistoria desta praça. Quando avistávamos, corríamos muito e nos escondíamos. Havia, ainda, a Dona Nicotinha Paiva, que também voluntariamente tomava conta desta praça e nos chamava a atenção quando invadíamos os gramados e pergolados e subíamos nas árvores. Certa vez, ao ver a caminhonete da empresa Confiança, que vendia doces e mortadelas para as vendas locais, combinamos uma turma de uns 10 moleques roubar uma grande mortadela. O fizemos e comemos tanto em grossas fatias que vários vomitaram por gula após a ingestão. Sobrou tanto ainda que a deixamos na praça para o banquete dos cães, e não levamos para casa de medo de nossos pais. Nunca mais falamos do assunto.

Outra brincadeira que aprontávamos muito era encher uma gravata listrada de areia e colocar embaixo de um dos bancos da praça. Ficava presa com um pequeno barbante e aguardávamos no começo da noite um incauto casal de namorados sentar-se neste banco para se deliciar aos beijos. Quando acontecia e estes trocavam carícias, puxávamos violentamente o barbante, e a engrenagem saía se movimentando como uma cobra. Várias vezes vimos o casal sair correndo e gritando, sendo que o jovem sempre corria mais que a namorada, e isto nos divertia muito.

Não havia lojas de brinquedos na cidade e éramos obrigados a criar os nossos. Os fazíamos com pedaços de telhas e tijolos, construindo casinhas ou pontes. Com tocos de madeira, ganhados em serraria, montávamos prédios e outras construções. Com pequeno projetor de imagens, copiadas de revistas ou gibis, projetávamos nas paredes histórias e cobrávamos palitos de fósforos, pois não tínhamos dinheiro. As apresentações teatrais eram mais escassas, mas às vezes, com algumas amiguinhas, conseguíamos fazer algumas apresentações. Predominavam mesmo eram as brincadeiras na Praça Dr. Madureira, onde jogávamos queimadas com pequena bola de pano, ou brincadeiras de esconder ou, ainda, ficar apreciando as estrelas contando histórias de assombrações.

Em relação à alimentação nesta época dos anos 50, podemos inferir que era melhor do que atualmente. Eram mais variadas e naturais, quando se aproveitava mais dos produtos que a natureza oferecia. O arroz e feijão

eram indispensáveis, sempre havendo um acompanhamento de carne, ora de frango, ora de porco e, às vezes, de vaca. Havia as farofas, os omeletes, as tortas e bolos salgados. Lembro-me bem de refogados com folhas de taiobas, que eram semelhantes a um refogado de espinafre; a cambuquira, que era feita com os brotos das abobreiras, também fornecendo uma gostosa iguaria, em refogados ou omeletes; e saladas de legumes diversos, folhas inclusive da berduêga.

No final desta década, apareceu a carne de baleia, que, além de mais barata do que a de gado bovino, era muito saborosa. Ainda me lembro de ver na mesa as flores de abobora passada em ovos e fritas, ou até folhas do tomateiro também feitas da mesma maneira. Gostávamos muito e nos fazia pensar em variedade de alimentos. Prestava para bifés, refogados e vários tipos de pratos. A carne de baleia teve o seu consumo logo proibido por razões de proteção ao meio ambiente. Lembro-me, também, do programa celebrado entre os Estados Unidos da América e o Brasil: a Aliança para o Progresso. A quantidade de leite americano que chegava aos lares brasileiros era muito grande e de muito boa qualidade. Esse programa se encerrou com o assassinato do presidente Kennedy em 1963.

Com a chegada dos supermercados ao nosso país, tudo mudou. A alimentação natural, de roça, foi substituída por produtos industrializados, enlatados, empacotados e congelados. Não que sejam ruins ao paladar, apenas porque tornaram as pessoas mais dependentes e mais preguiçosas, procurando cada vez mais simplificar as suas refeições. A variedade de alimentos naturais a nós fornecida é grande, porém cada região tem suas preferências e muitos dos que existem são esquecidos pela busca de facilidades e propagandas de insumos alimentícios industrializados.

Meu pai, Jayme Silva, mantinha uma estante com vários livros que lhe agradavam. Era um autodidata e gostava muito de ler. Possuía vários livros de ervas curativas, medicina popular, primeiros socorros, compêndios farmacêuticos e livros de seus conterrâneos. Entre eles, o médico de Careaçú, Dr. Eduardo Adami, que escreveu *Um médico na tempestade* e *A dor tem sete cores*, vários de seu irmão Alípio Demarés Silva, de poesias e um especial que guardo com muito cuidado. Trata-se de *Memórias de um*

fazendeiro, de José de Oliveira Fabrino, que nos transmite muito sobre as maneiras de viver no interior de Minas Gerais nos séculos XIX e XX. Este pequeno livro cheio de conteúdo sempre me agradou, e me sinto muito à vontade para fazer alguns comentários sobre ele, por me identificar e admirar muito dos seus personagens. Este livro, publicado em 1975, traz muitas informações de nosso passado, descritas de maneira fácil de se ler. As durezas, as agruras e as incertezas da vida rural são passadas a limpo.

Iniciaremos nossos comentários com a vinda para o Carmo do Dr. Randolfo Fabrino, por volta de 1875, em tempos do Império brasileiro. Neste período, a cidade era um importante centro de produção agropecuária, e era bem representada no cenário estadual e nacional, porém engatinhava como um município recém-criado. Nasceu o Dr. Fabrino na velha cidade mineira de Entre Rios, em 1858. Fez seus estudos básicos no Colégio do Caraça, reduto de formação de muitos personagens da vida política e literária de Minas Gerais. Fez seu estudo superior na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no Largo de São Francisco. Teve colegas ilustres na política e em outras áreas das atividades humanas. Sempre foi muito bem-conceituado no Rio de Janeiro e São Paulo. Foi presidente do Centro Acadêmico da Faculdade. Escreveu inúmeros artigos para a revista Ciências & Letras e vários artigos para jornais da capital paulista. Porém, sua vontade era de ir para o interior e, assim, passou por várias cidades mineiras, vindo parar em Carmo do Rio Claro, onde exerceu forte liderança na cidade e em todo o sul de Minas.

Conheceu por aqui Helena Bernardina de Carvalho Vilela, moça bonita, prendada e de rica família de fazendeiros, e chegou ao casamento no ano de 1891. O Dr. Fabrino, como era conhecido, de temperamento expansivo, progressista e visionário, além de sair-se muito bem profissionalmente, observou que o Carmo possuía um numeroso rebanho bovino e uma grande produção leiteira. Procurou, no Rio de Janeiro, o comendador Mayrink Veiga, seu amigo, e juntos construíram uma grande fábrica de laticínios no Porto Carrito, em um grande alargamento do rio Sapucaí, chamado de Poção. Dalí para frente, o rio Sapucaí se tornava encachoeirado por vários quilômetros até se unir com o Rio Grande já em outro município.



Edgar Pereira da Silva nasceu em Carmo do Rio Claro, sul de Minas Gerais, em 18 de setembro de 1942. Fez o curso primário nessa cidade e concluiu o secundário em Taubaté – SP. Estudou Medicina em Porto Alegre – SP e formou-se em 1969.

Foi membro do Conselho Deliberativo e da Diretoria Executiva do Petrópole Tênis Clube e funcionário da Secretaria da Administração do Estado do Rio Grande do Sul.

Mudou-se para São Paulo como bolsista da Coordenação para o Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para fazer o curso de Médico Sanitarista e pós-graduação em Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da USP – Universidade de São Paulo. Obteve ambos os certificados em 1972.

Posteriormente, trabalhou na Fundação Centro Nacional de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho, na General Motors do Brasil e na Petroquímica União S/A. Foi consultor nas seguintes empresas: Duracell, Brastemp, Christian Gray Cosméticos e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Também foi membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira para Prevenção de Acidentes e teve uma clínica de dermatologia na Vila Mariana, em São Paulo. Atualmente goza de merecido descanso em Carmo do Rio Claro, na sua querida Minas Gerais.

Este é um relato da vida de um personagem brasileiro do sul de Minas Gerais, que, nascido há 78 anos, tem muito a contar.

O início de sua vida interiorana é cheia de aspectos pitorescos decorrentes da época, trazendo situações ora tristes, ora hilariantes. Quando criança, era relegado a segundo plano pelos adultos, o que resultou em preconceitos e dificuldades no futuro profissional.

As passagens por Carmo do Rio Claro e por Taubaté, no Vale do Paraíba, completam a primeira fase de sua existência. Posteriormente, vem a formação profissional com entrada na Faculdade de Medicina e trabalho em repartição pública, na cidade de Porto Alegre – RS. Seguindo para São Paulo – SP, finaliza os estudos universitários com título de Sanitarista e mestrado em Saúde Pública. Depois, desenvolve suas atividades médicas em várias instituições públicas e particulares, com ocorrências curiosas no decorrer de sua profissão.

Ao final do seu tempo de trabalho e sob o cansaço das diversas atividades, retorna à sua cidade natal para o descanso merecido.



Este livro foi impresso pela gráfica Solidum Gráfica e Editora
para a Editora Recanto das Letras em abril de 2021.